



---

## SUMÁRIO

**14934 - INFÂNCIA, ESCOLA E FAMÍLIA NAS OBRAS LITERÁRIAS *INFÂNCIA E MENINO DE ENGENHO***  
Sindia de Almeida Rech.....



## Trabalho Completo de Pesquisa

14934 - Infância, escola e família nas obras literárias *Infância e Menino de engenho*

Síndia de Almeida Rech

**Resumo:** O trabalho apresenta um estudo da infância, escola e práticas pedagógicas representadas na literatura brasileira entre décadas finais do século XIX e início do século XX. O artigo tem como objetivo demonstrar o processo de aquisição da leitura e escrita não somente na escola, mas também no âmbito familiar. Para a compressão do contexto, as obras literárias *Infância* de Graciliano Ramos, e *Menino de engenho* de José Lins do Rego, serão os fios condutores para a análise do presente. Essas obras registram as memórias da infância, transição da criança para o aluno e o contato com as primeiras letras, porém com um olhar de adulto. O estudo das obras sugere as representações da infância, família, e escola com ênfase às práticas pedagógicas da época o que resultou aspectos peculiares para indagar relações sobre escola e família. Assim como, questionamentos das inadequações de práticas pedagógicas representadas em uma educação opressora e sombria tanto na escola quanto no ambiente familiar.

**Palavras-chave:** Literatura, escola, práticas escolares e infância.

## INTRODUÇÃO

A escola desde a colonização até a nossa contemporaneidade exerce a função de padronizar os impulsos das crianças com o intuito de adequá-las utilizando regras escolares, preparando as crianças para a sociedade (SILVA, 2009). As obras literárias, *Infância* e *Menino de engenho*, autobiográfica e memorialista respectivamente, colocam em questão a o mito da infância feliz, também o papel da família e da escola. Embora as obras não sejam um documento histórico, porém tem representatividade histórica no espaço literário quando trazem em suas narrativas o modelo de família e experiência educacional vigente da época. Porém, nesses romances se tem uma infância silenciada pela história social brasileira, e é neste sentido, que através os autores Graciliano Ramos e José Lins do Rego busca-se dar voz a essa questão. A metodologia utilizada para este trabalho é de caráter bibliográfico que possibilitou um levantamento teórico sobre o tema. Visto que, o objetivo do trabalho é demonstrar as práticas pedagógicas no processo de aquisição da leitura e escrita, não somente na escola, mas também no ambiente familiar, a pesquisa utilizou a revisão criteriosa de bibliografias em literaturas específicas como teses, dissertações. Para a análise bibliográfica desses aspectos, o diálogo estará estabelecido com Bosi (1994), Kramer (1992), Silva (2009), Souza (2001), e Xavier



(2012). Portanto diante do contexto, o artigo pretende verificar as representações da escola e práticas pedagógicas tendo como referência a transição da figura criança para o ser aluno do final do século XIX e início do século XX especificamente nas obras literárias de *Infância* e *Menino de engenho*.

### **Obras literárias *Infância* e *Menino de Engenho***

Para o estudo da representação da escola nos romances literários, as obras *Infância* de Graciliano Ramos e *Menino de engenho* de José Lins do Rego serão utilizadas no decorrer do artigo. De acordo Silva (2001), as obras apresentam narradores adultos com as memórias da infância. Importa ressaltar, que ambas as obras apresentam cenário escolar traz da infância fragmentos do processo de aprendizagem em tons sombrios. O clima de medo e opressão perante o contato com as letras aparecem nos dois romances, não apenas na escola, mas também na família com práticas pedagógicas inadequadas para a alfabetização. Ainda que, observa-se a visão da criança da escola numa espécie de ruptura do mito de que a infância sempre será feliz, seja no ambiente familiar ou escolar.

Nas palavras de Alfredo Bosi (1994), na década de 30 e 40 a literatura brasileira teve uma extensa produção de romances regionalistas, período o qual se destaca os autores Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O estilo de romances é consequências do momento histórico em que o país sofria com mudanças, como a crise cafeeira, por exemplo. Diante disso, as obras ficcionais foram “marcadas pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia” (BOSI, 1994, p.389), sendo assim os autores apresentavam uma visão mais crítica das relações sociais em suas obras.

O romancista Graciliano Ramos escreveu *Infância*, uma obra de cunho autobiográfico em 1945. A narrativa se passa no interior de Alagoas e de Pernambuco, e tem como contexto histórico final do século XIX e início do século XX. Segundo Xavier (2012), as recordações da infância eram de indiferença, injustiça, e solidão; o narrador demonstrava sofrimento e opressão. Graciliano Ramos apresenta o tema da infância em que narra “a partir da perspectiva da criança abandonando a prescritiva adulta e dá uma



perspectiva infantil na narração” (SOUZA ,201, p.52) como pode ser observado na seguinte passagem, “eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: ‘A preguiça é a chave da pobreza — Quem não ouve conselhos raras vezes acerta — Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.’ Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta” (RAMOS, 2003, p.114).

O escritor José Lins do Rego tem uma grande expressão literária que aborda o assunto “ciclo da cana de açúcar” e registra a vida nordestina através de suas recordações da infância e adolescência como ressalta Bosi (1994). O escritor estreou com a obra *Menino de engenho*, caráter memorialista, em 1932 fazendo o regionalismo nordestino uma de suas características mais marcantes. *Menino de engenho* narra em primeira pessoa a história de toda a infância de Carlos que se passa no engenho de seu avô para onde mudara depois da morte de sua mãe. No início da narrativa, Carlinhos possui quatro anos de idade e no término estará com doze, sendo que no último capítulo, o menino Carlinhos estaria indo para colégio internato. Na trajetória de sua infância o narrador tem contato com as primeiras letras, escola e práticas pedagógicas. A obra constitui-se em uma narrativa feita de memória do narrador adulto, o qual procura recriar sua infância. Ainda de acordo com Xavier (2012), as lembranças de Graciliano Ramos e José Lins do Rego apresentam questionamentos críticos ora consciente ora inconscientemente do período histórico sobre a cultura, sociedade e o mundo infantil.

## **Infância e família**

É importante levantar algumas questões relativas à infância na busca da origem da história da criança, porém sem pretensões de esgotar o assunto. Souza (2001) cita Philippe Ariès ao fazer um estudo da história social da criança e da família. Segundo Ariès, na sociedade medieval não existia o sentimento da infância, ou seja, não havia distinção entre o adulto e a criança. Elas eram tratadas como “mini adultos” e as especificidades das crianças não existiam, assim que as crianças não precisassem do cuidado materno, as crianças passariam a conviver com os adultos.

Somente nos séculos XVI e XVII passou a existir uma nova a atitude em relação à criança. Nesse período, a criança, por sua ingenuidade e graça, tornou-se fonte de



‘distração’ e ‘relaxamento’ dos adultos. Este tipo de atitude foi nomeado de paparicação. Contrapondo-se a esta tipo de sentimento, no qual as crianças eram consideradas ‘passatempo’ dos adultos, os moralistas e educadores do século XVII fazem surgir outro sentimento, a exasperação, e consideram necessária a separação entre o adulto e crianças sentimento que passara a inspirar toda educação até o século XX (SOUZA, 2001, p.57).

Importa ressaltar, que o termo exasperação surgiu com os eclesiásticos, os quais não consideram as crianças como entretenimento para os adultos, mas sim filhos de Deus indefesos que deveriam ser disciplinados e preservados. Já, o termo paparicação surgiu no ambiente familiar (SOUZA, 2001).

De acordo com Kramer (1992, p.15), comumente compreende-se que “criança [passa] por oposição ao adulto: oposição estabelecida pela falta de idade ou de maturidade e de adequação integração social”. Porém, o conceito de infância nem sempre existiu assim como as suas concepções dependendo do período e o contexto. A autora pondera ainda, que a definição de criança apenas por idade não caracteriza o termo criança e infância, pois o considerar o processo de socialização, relações familiares e contexto social devem ser analisados.

A infância é tratada de forma isolada e a especificidade de valorização e atendimento é diferente dependendo dos períodos históricos que a criança está inserida. “Inicialmente, o atendimento proposto às crianças [...] foi médico e sanitário; em seguida foi também assistencial, atualmente além da assistência médico-sanitária-nutricional e da social, o atendimento inclui, ainda, o plano educacional” (KRAMER, 1992, p.109). Porém, a autora alerta a precariedade nos três planos – saúde, assistência e educação, seja no plano familiar ou na estrutura da sociedade. Essas particularidades podem ser observadas implicitamente nas narrativas das personagens das obras literárias estudadas.

Em *Infância* o ambiente familiar era rígido e havia pouca afetividade. As experiências do narrador na sua infância através de suas memórias apresentavam tristeza e sofrimento não somente nas relações familiares, mas também na experiência educacional iniciada pelo seu pai. As inadequações metodológicas para o aprendizado da leitura atrelado ao componente afetivo estavam evidentes no processo de alfabetização no romance. De acordo com Souza (2001, p. 111),

quando se pretende trazer à tona a infância do menino Graciliano Ramos, trilha-se um caminho de desmistificação do aprazível e do romântico. A balança insiste no



desnível, pendendo para um único lado. La emperra, sob o peso de injustiças, solidões e tristezas, narrando uma historia familiares educacional reconstituída sobre repressões e violência que, por delimitar espaços restritos, adquire a dimensão de um cárcere.

Contudo, na obra há uma denúncia da estrutura social desumana, em que o afeto é substituído pela brutalidade. A infância era pouco valorizada e as crianças eram incompreendidas, não havia muito lugar para brincadeiras.

No que se refere ao tempo social da família e da escola, as obras assinalam a infância e a transição do ser criança para o mundo da escola, como marcos decisivo na vida dos narradores. O ingresso à escola seria uma extensão da família, ou seja, na escola o ambiente em que a opressão e punição iriam continuar principalmente em *Infância*. Entretanto, Carlos, personagem de José Lins do Rego, não teria a liberdade do engenho, pois o “colégio amansa menino”, certamente punições, e repreensões estariam presentes na escola, práticas vigentes da época.

O aprendizado e o contato com as primeiras letras em ambos romances se dá através da família. No caso de *Infância* o próprio pai iniciou o processo de leitura depois do narrador ter achado de uns “cadernos de páginas amarelas e de papel ordinário”. E na obra *Menino de engenho*, a tia Maria passou a ensinar ao menino Carlos as letras,

Passava o dia a ensinar-me as letras. Os meus primos, esses, ninguém podia com eles. Eu ficava horas a fio sentado na sala de costura, com a cartilha do abc na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras não me entravam na cabeça (REGO, 2009, p.46).

Porém, os narradores dos romances não obtiveram experiências muito bem sucedidas na aprendizagem no ambiente familiar, em consequência de práticas pedagógicas inadequadas e severas.

## **Representações da escola e práticas pedagógicas na literatura**

As obras literárias *Menino de Engenho* e *Infância* abordam as representações das escolas primárias e o ensino das primeiras letras nas últimas décadas do XIX e no início do século XX. Autora Silva (2009) destaca na literatura que o ambiente escolar nesse período mostra uma privação da liberdade. As crianças não podiam se manifestar



ou até mesmo expor seus sentimentos, deveriam calar-se e obedecer. Além disso, as manifestações de afeições às crianças não ocorriam com tanta frequência na família, pois acreditava-se que a severidade seria uma maneira eficiente de educar os filhos (SILVA, 2009). Em consequência, a escola retratada nos romances, era uma extensão de educação familiar, pois também passou a reproduzir essa severidade na maneira de lidar com as crianças.

A imagem da escola é bastante semelhante entre as obras, pois “o que se vê é um clima de opressão e medo, um mundo masculino, rígido e hierarquizado, onde professores severos impõem sua vontade usando de autoritarismo e aplicando castigos corporais com ou sem motivo [...] – é este o retrato da escola do final do século XIX e do início do século XX que a literatura mostra ao leitor. O mundo da escola opõe-se em tudo ao mundo exterior” (SILVA, 2009, p.24)

Ainda, Silva (2009, p.30) ao fazer uma análise da literatura com obras que trazem o tema escola observa que as crianças “perderam a liberdade das ruas, dos quintais e pomares, dos morros e praias [...] Professores carrascos, aplicando penalidades de ajoelhar sobre grãos de milho, desfilar na rua com orelhas de burro sob a vaia dos colegas, ou aplicar bolos de palmatória também pertencem a um deplorável passado arcaico”. Portanto, podemos considerar que o retrato da escola na literatura era visto como um local de opressão. Como o próprio narrador de *Infância* descreve o ambiente escolar, “O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício uma crucificação [...]. Não há prisão maior do que escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler” (Ramos, 2003, p. 206).

Neste contexto, um aspecto importante é o uso da palmatória como método pedagógico em que o aprendizado ocorria por meios de “bolos”. Geralmente, a palmatória estava à vista de todas as crianças na escola e servia como ameaça caso não houvesse obediência. “E a raspadeira de borracha, imprestável e sem ponta, ficou sobre a mesa, a desafiar-nos a argúcia, a inspirar-nos humildade, junto à palmatória. A escola exigia palmatória” (RAMOS, 2003, p. 124).

Em *Infância* o narrador tem seu primeiro contato com a escola quando sua família fizera uma viagem. “A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas



dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: — Um b com um a — b, a: ba; um b com um e — b, e: be” (RAMOS, 2003,p. 10). A lembrança da experiência não era positiva e não lhe trazia muito significado por conta de toadas e soletrações que eram usuais nas escolas primárias do interior. Para o narrador a crueldade imperava na escola, e quando soube que iria frequentar a escola, considerou uma injustiça dos pais, pois era um menino que se comportava e escola era para rebeldes, o que ela não era. “A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizassem a ameaça [...]. A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno” (RAMOS, 2003, p.118). O sentimento de enclausuramento está presente na escola e na família em Graciliano ramos e expressar os sentimentos e até mesmo emitir opiniões era proibido.

Entretanto, na obra *Menino do Engenho* a ideia de privação da liberdade não é muito intensa no âmbito da família e da escola, embora Carlos tivesse a compreensão que na escola ele iria “endireitar-se”, o sofrimento não estava tão explícito na sua narrativa quanto em *Infância*. A escola do menino Carlos era rural em e tinha a função consertar a criança e adequá-la para as normas do mundo adulto, porém a escola apresentava professores despreparados. (XAVIER, 2012)

O menino do engenho teve como sua primeira escola a casa do Dr. Figueiredo, era a primeira vez que passaria o dia inteiro com pessoas estranhas. Mas, na realidade a sua professora era Judite, uma moça morena e bonita. Carlos gostou dela e não gostava dos domingos, porque não tinha aula e não a veria. “Foi ali com ela, sentindo o cheiro dos seus cabelos pretos e a boa carícia das suas mãos morenas, que aprendi as letras do alfabeto” (REGO, 2009, p.62). Nota-se uma afetividade entre a professora e o aluno. Ainda que, não houvesse brutalidade geralmente presente nas práticas pedagógicas da época, Carlos vivencia cenas de abuso na escola. Uma vez Carlos ouviu Judite chorando, pancadas e gritos de quem estivesse apanhando e Carlos mais tarde compreendeu, que o marido batia em sua professora.

Em seguida, foi estudar com outro professor o qual não era preparado pedagogicamente. Tinha mais cinco alunos, pessoas pobres, e ele mantinha um regime de exceção.



Não ralhavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para «o neto do coronel Zé Paulino». Os outros meninos sentavam-se em caixotes de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava mandavam-me que desse nos meus competidores. Eu sentia-me bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não me tinham raiva. Muitos deles eram de moradores do engenho (REGO, 2009, p.63).

Diante disso, Xavier (2012) observa que ambas narrativas enfatizam que as crianças deveriam ser preparadas para o mundo adulto e a escola seria responsável por endireita-los com estratégias e práticas pedagógicas de castigos físicos com a intenção de discipliná-los. A utilização dessas práticas era comum e faziam parte da organização escolar do período.

Para o menino Carlos, a notícia de que ele iria frequentar a escola, não foi recebida com muito entusiasmo. Ele iria para o colégio com doze anos, e diziam que quando ele voltasse do colégio seria outro, estava atrasado nos estudos e tinha um grande mal dentro de si. E escola se encarregaria de transformá-lo em um homem instruído, “quando saí de casa o velho José Paulino disse-me: - Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende” (REGO, 2009, p.149).

Em Junho iria para o colégio. Estava marcado o dia da minha partida.

- Lá ele endireita-se.

Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigi-los no castigo dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida. Em Junho estaria no meu sanatório (REGO, 2009, p.145).

Certamente, as práticas pedagógicas do período não eram favoráveis para o aprendizado das primeiras letras e tampouco estimulava o interesse da criança a ir à escola. Com a inserção da criança à escola começa a separação do convívio familiar e a coloca em ambiente com regras opressoras e disciplinares que não deixa de ser uma extensão das regras familiares rígidas e pouca afetividade (XAVIER, 2012), pois a escola vista como uma casa de punição para corrigir a criança preparando-a para ser adulto, concepção esta narrada e vivenciada em ambas obras literárias.

## **Considerações finais**



A infância, família, escola, e práticas pedagógicas das obras literárias *Infância* e *Menino de engenho* apresentam características semelhantes de sofrimento e privação da liberdade. Ao propor uma reflexão sobre a criança e sua transição de tornar-se aluno em cerne às práticas pedagógicas, o desgosto dos meninos narradores aparece em relação ao aprendizado não apenas no ambiente escolar, mas também no familiar. Para esses meninos, o tratamento que lhe era dispensado, os colocava na situação de subordinado aos desejos do adulto. Desejos de que as crianças fossem escolarizadas para que progressivamente fosse inserida no ambiente adulto corrigido, ou seja, “endireitados” como ocorre no romance *Menino de engenho*.

Por haver uma preocupação de adequar e por limites ao menino Carlos, ao final do romance foi encaminhado à escola para correção; como ocorria com as crianças da época (SOUZA, 2013). E diante da imagem da infância na pedagogia tradicional, a natureza da criança é corrompida e é da responsabilidade da escola discipliná-la impondo as regras através de modelos com intervenção direta dos adultos. Tendo em vista, que práticas escolares eram rígidos e estava vinculado à utilização de castigos corporais.

Para Graciliano Ramos o processo de alfabetização com seu pai e depois na escola e a escola foi severo. Elementos da memória do autor como a palmatória, o medo e a vergonha são aspectos que o levaram a retratar a escola um lugar sem a liberdade tanto física como no imaginário do mundo infantil.

Contudo, é importante levar em conta as considerações feitas por Kramer (1992), por meio de uma perspectiva histórica ao atendimento a criança e política educacional no Brasil. A autora chega algumas conclusões em relação a infância. Embora, se estabeleça um vínculo entre a discussão sobre a situação da infância e de que a criança é o futuro de amanhã, a valorização da mesma se distancia da real situação da infância no Brasil durante o XX retratado nas obras literárias. Subsequente, as práticas pedagógicas inadequadas apresentando uma pedagogia punitiva no espaço escolar e familiar.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1994



KRAMER, Sônia. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Vera Maria Tieztman. **Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cânone, 2009.

SOUZA, Tânia Regina de. **A infância do velho Graciliano: memórias em letras de forma**. 1 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001

SOUZA NETO, Alaim, MENDES, Geovana M. Lurnadi. A literatura infantil e a infância em Menino de engenho. **Revista Nau Literária** v.09, n.01, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/37009>> Acesso em: 15 set. 2015

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 99 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

XAVIER, Nubea Rodrigues, SARAT, Magda. Infância e educação civilizadora na literatura brasileira. **Acta Scientiarum Education** 34, Maringá, p.221-231, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/16168>>. Acesso em: 9 set. 2015.